



RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Extremismo Islâmico na África Oriental

POR ABDISAID MUSSE ALI-KOOR

- ◆ Embora o extremismo islâmico no África Oriental seja frequentemente associado ao Al-Shabab e à Somália, tem vindo a expandir-se a um ritmo variável por toda a região.
- ◆ O surgimento da ideologia islamista do combate é relativamente recente na África Oriental — importada do Mundo Árabe — e desafia padrões de tolerância há muito estabelecidos.
- ◆ Afrontar o extremismo islâmico por meio de medidas de repressão violentas ou extrajudiciais da polícia é correr o risco de inflamar as narrativas de exclusão e de fosso socioeconómico, reais ou sentidas, utilizadas pelos grupos islamistas violentos.

DESTAQUES

A ameaça do extremismo islâmico no África Oriental é geralmente associada à Somália e às ações violentas do Al-Shabab. No entanto, encontram-se por toda a região adeptos das versões extremistas do Islão, fazendo com que as tensões tenham crescido na região, nos últimos anos, tanto no seio das comunidades muçulmanas como entre determinados grupos islâmicos e na sociedade em geral.

Essas tensões não surgiram de repente nem por acaso. Na verdade, elas refletem a acumulação de problemas ocorridos ao longo de décadas. A sua origem encontra-se, em grande parte, na difusão da ideologia salafista, orientada do exterior a partir dos estados do Golfo. Alimentado pelo aumento exponencial dos negócios do petróleo, e pelo desejo de propagar a versão ultraconservadora do Islão wahabita em todo o mundo islâmico, o financiamento de mesquitas, madrassas e centros juvenis e culturais muçulmanos fluiu para a região em níveis superiores aos dos anos 80 e 90. As oportunidades de jovens da África Oriental estudarem no Mundo Árabe não cessaram de aumentar. Ao voltar para casa, esses jovens trouxeram consigo interpretações mais rígidas e redutoras do Islão. A expansão da televisão árabe por satélite tem reforçado e

transmitido essas interpretações a um público mais vasto.

Surgiu assim na África Oriental uma corrente cada vez mais radical do islamismo. Os preceitos salafistas, outrora vistos como marginais, tornaram-se a corrente dominante. O número de mesquitas salafistas tem aumentado rapidamente. Manter um diálogo aberto sobre os preceitos do Islão (consultar a caixa) tornou-se cada vez menos comum. A intolerância crescente tem fomentado a polarização religiosa.

Ao longo do tempo, as tensões têm vindo a degenerar em violência. Os ataques de combatentes islamistas contra civis na África Oriental (fora da Somália) aumentaram, de uns poucos em 2010, para aproximadamente 20 por ano desde essa data, a grande maioria dos quais no Quênia, sendo o de maior repercussão pública o sequestro de vários dias do centro comercial Westgate em Nairóbi, onde em 2013 os combatentes mataram mais de 60 civis e fizeram centenas de feridos. Embora o Al-Shabab tenha reivindicado a autoria deste atentado, os peritos concluíram que o ataque contou com o apoio de múltiplos adeptos locais quenianos. O Al-Shabab levou a cabo um ataque ainda mais mortífero no ano seguinte, quando membros somalis e quenianos do grupo invadiram

o campus da Universidade Garissa do Quênia, matando 147 estudantes. O Al-Shabab tem procurado retirar o máximo proveito das divisões causadas pelos ataques, ao designar não muçulmanos para a execução dos atentados.

QUESTIONAMENTO DA NATUREZA DA APOSTASIA NO ISLÃO

Em 2014, Abdisaid Abdi Ismail publicou um livro questionando se a pena de morte por apostasia é justa na perspectiva do Islão. Ao fazê-lo juntava-se a uma corrente cada vez maior de estudiosos muçulmanos que rejeitam o emprego dos preceitos islâmicos como ferramenta política de apoio a movimentos violentos. A resposta na região foi dramática. Ele próprio foi rotulado de apóstata, recebendo ameaças de morte e sendo expulso de hotéis no Quênia e no Uganda. Clérigos da África Oriental pediram que o seu livro fosse queimado. Os protestos acabaram por provocar a retirada do seu livro das estantes das livrarias quenianas, embora 80 por cento dos quenianos sejam cristãos, e pouco mais de 10 por cento, apenas, sejam muçulmanos. A sua experiência revela a extensão do silenciamento de que são alvo as vozes moderadas e abertas ao debate sobre os ensinamentos do Islão, e do reforço das correntes mais radicais do islamismo na África Oriental.

Os atentados locais de pequena escala também têm aumentado, atingindo centrais de autocarros, bares, lojas, igrejas, e mesmo mesquitas e imãs moderados. Alguns desses ataques têm sido atribuídos ao Centro Muçulmano da Juventude (MYC), um grupo com base em Nairóbi que tem enaltecido as atividades dos combatentes islamistas. O MYC, que começou a chamar-se al-Hijra em 2012, também tem apoiado o grupo Al-Shabab através da angariação de fundos e de recrutamento e terá estado envolvido no atentado de Westgate. Em Mombaça registaram-se em várias ocasiões conflitos violentos de rua entre seguidores de clérigos muçulmanos extremistas e a polícia.

Abdisaid M. Ali é conselheiro político regional do Gabinete do Representante Especial da União Europeia para o Corno da África, com especialização em violência extremista. As perspectivas apresentadas neste artigo são do autor e não refletem necessariamente a opinião oficial da União Europeia.

Na Tanzânia, o xeque Ponda Issa Ponda e o seu grupo Jumuiya ya Taasisi za Kiislam (“Comunidade de organizações muçulmanas”) têm sido acusados de incitar tumultos e de incendiar igrejas em Dar es Salaam. A Tanzânia também acolhe a sede do Centro Muçulmano da Juventude Ansaar (AMYC) ligado ao Al Shabab.¹

A embaixada dos EUA na Uganda tem desde 2014 emitido alertas, regularmente, sobre possíveis ataques, um dos quais coincidiu com a ocasião em que as autoridades ugandesas impediram um atentado iminente de uma célula terrorista baseada em Kampala, detendo 19 pessoas e apreendendo explosivos e coletes suicidas.² Recorde-se que o Uganda sofreu um duplo atentado à bomba, em julho de 2010, que matou 76 pessoas que estavam reunidas num restaurante, no clube de rãguebi da capital, para assistir à final da Copa do Mundo. O Al-Shabab reivindicou a autoria, mas, em 2016, sete indivíduos do Uganda, Tanzânia e Quênia foram acusados da execução do ataque.

As ligações entre a região e o movimento global de jihad também parecem estar a desenvolver-se. Embora o Quênia e a Tanzânia tenham sido alvo de ataques à bomba orquestrados pelo al-Qaeda, contra a embaixada dos EUA em 1998, e o ataque ao hotel de Mombaça em 2002, a região não tem mostrado ser um centro nevrálgico de apoio ao jihadismo global. No entanto, o ministro da Defesa da Tanzânia, Hussein Ali Mwinyi, chamou a atenção para o aumento do número de cidadãos que estão a aderir ao Estado Islâmico e ao Al-Shabab. A certa altura, esses recrutas africanos também poderão voltar para casa e constituir uma ameaça para a segurança.

A crescente violência dos combatentes islamistas gerou uma resposta forte dos agentes da segurança na África Oriental. Por vezes essas operações são, no entanto, conduzidas de forma arbitrária. A operação Usalama Watch do governo do Quênia, por exemplo, resultou na prisão de aproximadamente 4.000 pessoas, a maioria sem culpa formada. Realizada sobretudo em regiões com um número considerável de muçulmanos somalis, deixou em muitos membros dessas comunidades a impressão de que estavam a ser punidos injustamente pelos atos de um punhado de extremistas.³ O resultado deste tipo de medidas pode ser o de reforçar o apoio aos grupos islamistas. As entrevistas a membros de grupos islamistas violentos, nascidos no Quênia, revelaram que 65 por cento dos inquiridos designaram as políticas quenianas de combate ao terrorismo como o motivo principal da sua adesão às campanhas violentas.⁴

Em resumo, a ideologia radical islamista tem-se propagado por todas as comunidades do leste do continente africano, trazendo com ela uma polarização social maior e mais violência. No entanto, pode ser evitada uma escalada ainda maior. A região tem uma longa tradição de harmonia entre religiões. Apesar disso, a experiência demonstra que a ideologia do islamismo radical pode ser bastante difícil de travar, uma vez que cria raízes dentro da sociedade. É assim essencial, para os governos e cidadãos da África Oriental, compreenderem tanto os fatores externos como internos, das ideologias extremistas, para que o processo de radicalização possa ser interrompido antes de cimentar-se nas comunidades locais, e de se tornar cada vez mais violento.

A EVOLUÇÃO DO ISLAMISMO NA ÁFRICA ORIENTAL

Os muçulmanos habitam a África Oriental há gerações. As trocas comerciais e culturais entre a África Oriental e o Mundo Árabe datam de há séculos. Tais laços precedem a colonização europeia e mantêm uma influência socioeconómica substancial. Não são conhecidos números precisos, mas os muçulmanos constituem 10 a 15 por cento da população do Quênia e do Uganda, e cerca de 35 a 40 por cento da população da Tanzânia.

Nunca existiu uma comunidade islâmica uniforme na África Oriental. Os rituais, comemorações e interpretações teológicas variam de região para região. A maioria dos muçulmanos da África Oriental adere à corrente sunita do Islão, embora existam também comunidades xiitas, e membros da seita Ahmadiyya. O sufismo, frequentemente descrito como uma interpretação “mística” do Islão, que inclui a veneração de santos, também é comum. Algumas comunidades muçulmanas absorveram práticas e rituais das crenças tradicionais africanas, como a atribuição de significado sagrado a objetos de culto. Apesar das diferenças, as comunidades religiosas da região, tanto muçulmanas como não muçulmanas, têm uma história de coexistência pacífica e tolerância das diferenças de teologia e prática religiosa.

As coisas mudaram nalgumas comunidades nas décadas mais recentes, em resultado da crescente influência da ideologia salafista. Um número pequeno, mas crescente de muçulmanos adotou uma interpretação mais exclusiva da sua religião, modificando assim suas relações com outros muçulmanos, com outras crenças e com o Estado. A visão radical dum combate mundial em nome do Islão não é de forma alguma generalizada, mas está muito presente ao contrário do que sucedia no passado.⁵

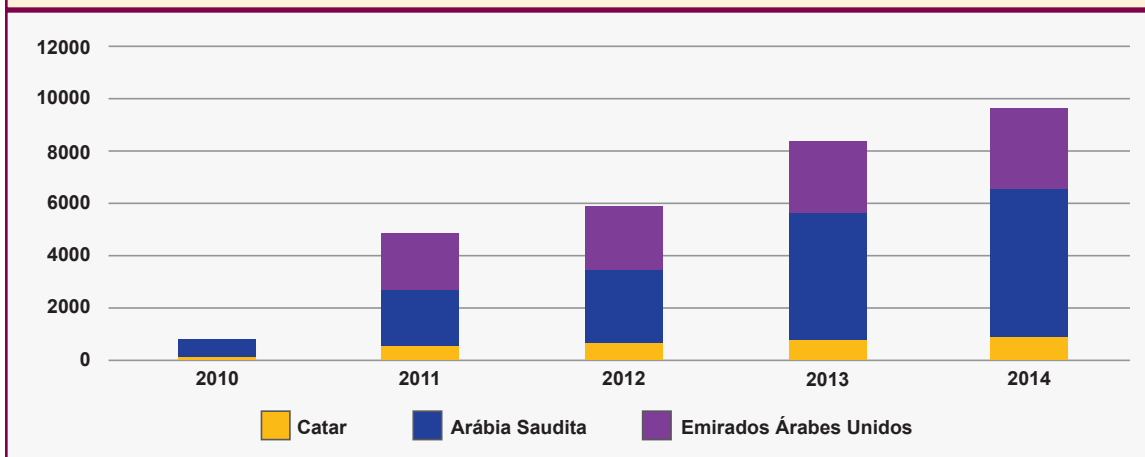
Um dos canais dessa mudança tem sido o ensino. Devido à falta de outras oportunidades educacionais, as famílias muçulmanas das áreas marginalizadas dependem das madrassas ou escolas islâmicas. Durante as últimas décadas, as madrassas têm sido as beneficiárias de um fluxo crescente de financiamentos dos centros de educação religiosa sediados nos países árabes. Deste modo, os estudantes têm estado continuamente expostos à identidade cultural e religiosa dos seus patrocinadores.

As oportunidades no ensino superior também aumentaram. Embora os diplomas universitários do ocidente continuem a ser vistos como os de maior prestígio, a seguir dos ataques de 2001 contra o World Trade Center, os países ocidentais aumentaram as exigências para imigração. Ao mesmo tempo, cresceram as oportunidades de bolsas de estudo no Mundo Árabe. A tendência mantém-se, e acentuou-se desde 2010 (Consulte a figura 1). Por razões práticas, muitos muçulmanos da África Oriental aproveitaram a oportunidade e foram expostos às versões mais fundamentalistas do Islão.

Outro veículo através do qual se alteraram as interpretações do Islão na África Oriental foi o acesso aos meios de comunicação do Mundo Árabe. A expansão do número e do alcance geográfico das estações de televisão árabes, por satélite, nos anos 90 e na primeira década do século XXI, levou as normas culturais árabes para a África Oriental, a um público mais amplo, e diariamente, o que fomentou as interpretações mais conservadoras do Islão em relação ao vestuário, ao papel da mulher, e criou distinções nas relações entre muçulmanos e não muçulmanos.

O apelo de tais ideias é evidente na expansão da popularidade e influência dos clérigos extremistas. O salafismo, que era uma pequena corrente marginal da fé islâmica na África Oriental na década de 1990, tornou-se atualmente a principal. Um dos principais divulgadores no Quênia foi o pregador Abou Rogo Mohammed, que por mais de uma década denegriu os não muçulmanos, criticou os muçulmanos moderados, e instruiu os seus seguidores a abandonar o diálogo entre religiões, a abster-se da participação política, e a boicotar eleições. Num sermão, Rogo apelidou o ataque a uma igreja, que matou 17 pessoas, de “retribuição justa” pela usurpação de terras muçulmanas pelos cristãos. Rogo, um ativista próximo do grupo combatente islamista al-Hijra e doutras escolas conservadoras islâmicas, proclamou noutra ocasião que “neste país, nós [muçulmanos] vivemos entre os infiéis”.⁶ A ideologia de Rogo tem feito o seu caminho desde a sua morte em 2012. Gravações e DVDs das suas prédicas

ESTUDANTES DA ÁFRICA ORIENTAL MATRICULADOS NAS UNIVERSIDADES DOS PAÍSES DO GOLFO



Source: UNESCO

incendiárias e de outros clérigos continuam a ser comercializados por toda a região.

Na Tanzânia, os clérigos extremistas desafiam agora agressivamente a autoridade das organizações islâmicas mais moderadas, e desencadeiam protestos e conflitos com as instituições governamentais a qualquer pretexto. O xeque Ponda também tem contestado grupos muçulmanos moderados como o Baraza Kuu la Waislam Tanzânia (Bakwata), uma organização islâmica quase estatal. Este clérigo e os seus seguidores têm apelado ao boicote de recenseamentos oficiais e à destituição de funcionários do ensino oficial, que acusam de discriminar as escolas islâmicas.⁷ A rede de Ponda, ativa desde os anos 90, inclui centenas de mesquitas e dezenas de escolas islâmicas na Tanzânia. As versões extremistas do Islão e a narrativa da discriminação e perseguição religiosas por parte do Estado também foram introduzidas nas prédicas doutros imãs islamistas da Tanzânia.⁸ Tal como no Quênia, a retórica tem sido acompanhada de mais atentados, contra estrangeiros e líderes cristãos.⁹

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Um elemento essencial da mudança na África Oriental, no sentido do reforço das interpretações combatentes do Islão, é a influência de grupos islamistas estrangeiros bem financiados. Isto inclui autoproclamadas organizações wahabitas, cujo patrocínio de atividades educativas e religiosas tem sido alimentado pela riqueza da Arábia Saudita, Catar e outros países do Golfo ricos em petróleo. Ao contrário da tradição histórica na África Oriental de integração das práticas religiosas nas tradições locais,

o wahabismo é uma interpretação extremamente conservadora do Alcorão. Proíbe a maioria dos aspectos da educação moderna, aplica estritos códigos de vestuário, pratica costumes antigos nas relações sociais, e ignora muitos dos direitos humanos básicos, especialmente das mulheres. Apesar de o wahabismo, por princípio, não condenar os outros credos, muitos pregadores wahabitas não toleram outro ponto de vista. Mesmo outras interpretações do Islão, como o sufismo, são consideradas pelos wahabitas heréticas e ofensivas.¹⁰ Na realidade, esta versão do Islão que está a ser exportada para a África Oriental está ligada a uma identidade cultural árabe específica.¹¹ É muito diferente das tradições islâmicas que se desenvolveram noutros países muçulmanos como a Malásia e a Indonésia.

Grupos muçulmanos patrocinados por estrangeiros têm marcado presença na África Oriental desde meados do século XX, mas têm-se desenvolvido significativamente desde os anos 70.¹² Estima-se que os financiamentos oriundos da Arábia Saudita atinjam um milhão de dólares US por ano, só para as instituições islâmicas de Zanzibar.¹³ Os destinatários dos financiamentos estrangeiros são díspares, incluindo centros sociais, madrasas, instituições de ensino básico, secundário e superior, e programas humanitários e sociais. Muitos investimentos são grandes e duram vários anos. A Agência Muçulmana de África (Africa Muslims Agency) sediada no Kuwait é um bom exemplo.¹⁴ Desenvolve atividades por todo o continente, incluindo no Quênia, Malawi, Madagascar, Uganda e Zimbábue. Esta operação envolve um acordo de 33 anos, assinado em 1998 com o governo de Zanzibar

para o funcionamento de uma universidade que até agora produziu 1.200 diplomados.¹⁵

Nem todos os beneficiários são estritamente wahabitas ou conservadores à partida. Algumas escolas, centros sociais, e programas de cariz humanitário misturam o material wahabita com atividades seculares para atingir maior audiência. No Quênia, o governo saudita fornece há décadas apoio financeiro e bolsas de estudo para a Faculdade de Estudos Islâmicos de Kisauni, em Mombaça, onde Abou Rogo Mohammed estudou.¹⁶ Provavelmente, dezenas e possivelmente centenas de madrassas e escolas de ensino básico e secundário no Quênia foram construídas e sustentadas de maneira similar.

“esta versão do Islão que está a ser exportada para a África Oriental está ligada a uma identidade cultural árabe específica”

Algumas atividades apoiadas por grupos islamistas estrangeiros são louváveis. Eles têm patrocinado tratamentos médicos e prestado auxílio em catástrofes, à semelhança doutras organizações religiosas e seculares. No entanto, essas atividades humanitárias não são completamente inocentes, considerando que muitos desses grupos islamistas integram o proselitismo em todas as suas atividades e exigem que os participantes cumpram preceitos rigorosos para aceder aos fundos ou benefícios.¹⁷

Alguns grupos estão ligados a organizações islamistas combatentes. A Fundação Islâmica Al Haramain financiada pelos sauditas, por exemplo, que exerceu uma presença marcante em campos de refugiados e apoiou muitas madrassas na África Oriental, algumas das quais ligadas ao Congresso dos Jovens Muçulmanos na África (AMYC), foi fechada e expulsa do Quênia e da Tanzânia devido a essas ligações.¹⁸ Também se descobriu que a Sociedade de Reabilitação do Património Islâmico, uma organização não governamental kuwaitiana, fornecia apoio financeiro e material a organizações ligadas à al-Qaeda, incluindo o grupo que deu origem ao Al-Shabab, Al-Itihaad al-Islamiya (AIAI). Saliente-se que os líderes somalis do AIAI foram na sua maioria formados no Médio Oriente.¹⁹

Sejam universidades ou madrassas de ensino básico, as instituições de ensino possuem um valor estratégico óbvio em termos de formação de opinião da juventude. Algumas dessas escolas fornecem uma boa instrução em matemática, ciências e outras matérias. No entanto, também inculcam nos alunos uma interpretação rígida do

Islão, que é exclusivista e dá ênfase ao da'wa, ou seja o proselitismo desta corrente do Islão. O programa de estudos também obedece muitas vezes ao princípio da chamada “islamização do conhecimento”, desenvolvida na tentativa de conciliar a ética islâmica fundamentalista com disciplinas como o direito, o comércio bancário e as finanças, entre outras. Progressivamente, os estudantes absorvem ideias muito definidas sobre o que é e o que não é islâmico, e sobre quem é muçulmano e quem não é, e são incentivados a assumir ativamente essas perspectivas.²⁰ Trata-se de uma receita para o confronto, mesmo que os programas que promovem tais perspectivas não defendessem à partida a violência.

A influência crescente do islamismo extremista na África Oriental tem estado em grande parte circunscrita a certos bairros, cidades ou regiões. Mas os efeitos têm-se revelado cumulativos e agregadores, levando um número cada vez maior de grupos na região a adotar posturas mais agressivas e de confronto. O crescimento das redes de simpatizantes do extremismo violento cria as bases da colaboração local detectada ou suspeitada nos ataques mortíferos do Al Shabab no Quênia, Tanzânia e Uganda.

RESSENTIMENTOS SOCIOECONÓMICOS

Embora a ideologia extremista que está a alastrar por África Oriental seja importada do exterior, existem fatores que podem exacerbá-la e conferir-lhe mais sentido após uma primeira exposição. Embora os terroristas exibam níveis diversos de recursos, educação, dedicação e experiência, a carência socioeconómica alimenta a aceitação e a difusão da narrativa extremista. Na África Oriental, a sensação de desigualdade em termos sociais e algumas medidas governamentais infelizes podem ter empurrado muçulmanos para as tendências mais conservadoras e facilitado a ressonância do discurso do “nós contra eles”.

Os muçulmanos da África Oriental nutrem ressentimentos legítimos. Os níveis de desemprego entre os jovens nas províncias costeiras e na região nordeste do Quênia, dominadas pelos muçulmanos, são de 40 a 50 por cento mais altos que a média nacional.²¹ A taxa de conclusão da escolaridade e a frequência escolar básica e secundária tendem a ser mais baixas nas províncias muçulmanas, provavelmente porque existem menos escolas e professores por estudante nas duas províncias costeiras do que noutras partes do Quênia. Na Tanzânia observam-se padrões semelhantes. A taxa de desemprego entre jovens na ilha de Zanzibar, onde uma esmagadora maioria é muçulmana, tem andado nos 17 por cento nos anos recentes,²² quase o dobro da média nacio-

nal de 9 por cento.²³ Além disso, nas áreas costeiras, basicamente muçulmanas, os direitos de propriedade são frequentemente mal definidos, dificultando as oportunidades económicas e abrindo o caminho a ocasionais expropriações de terras pelo governo ou por empresas de grande dimensão.

As sondagens de opinião apresentam um retrato menos dividido no plano nacional. Um inquérito a quenianos mostrou que cerca de metade dos muçulmanos interrogados viam suas condições de vida como equivalentes ou melhores que as dos outros. Em comparação, cerca de dois terços dos cristãos inquiridos sentiam o mesmo. Todavia, isto reflete a perspectiva muçulmana que equivale, grosso modo, à da restante sociedade queniana, um sentimento que persiste há vários anos, segundo pesquisas prévias efetuadas em 2008 e 2011.²⁴ Na Tanzânia, 53 por cento dos muçulmanos inquiridos consideraram as suas condições de vida equivalentes ou melhores que as dos outros tanzanianos. Os cristãos responderam de forma idêntica. Tais resultados, provavelmente, refletem a longa história da relação harmoniosa entre religiões na região e a força desses laços quando vistos numa perspectiva nacional.

“A influência crescente do islamismo extremista na África Oriental tem estado em grande parte circunscritas a certos bairros, cidades ou regiões. Mas os efeitos têm-se revelado cumulativos e agregadores”

A ameaça do extremismo islâmico é, frequentemente, um fenómeno mais localizado. A queixa sobre a discriminação religiosa é maior em certas áreas onde as narrativas separatistas e intolerantes do islamismo têm estado presentes e circulam há mais tempo, como em Mombaça, Zanzibar, Tanga, e bairros de Dar es Salaam e Nairóbi. Consequentemente, os muçulmanos da África Oriental que aderem às interpretações extremistas do Islão permanecem uma pequena (embora sonora) minoria. No entanto, o crescimento desta minoria reflete e acentua a erosão constante da capacidade de resistência perante a ideologia islamista radical que vem assolando a região.

As queixas de que as oportunidades económicas, educativas e outras são deliberadamente negadas aos muçulmanos têm sido uma constante nas comunidades muçulmanas da região, sejam elas moderadas ou extremistas.²⁵ Para muitos muçulmanos, especialmente os jovens,

a desigualdade valida a mensagem divisiva dos centros islâmicos, madrassas e mesquitas fundamentalistas.

MEDIDAS ALIENANTES DO GOVERNO

Alguns governos da África Oriental têm tentado ações legais contra vários líderes muçulmanos nos últimos anos, na tentativa de isolar os suspeitos de extremismo. Infelizmente, muitos desses esforços judiciais falharam e reforçaram o sentimento de que o governo persegue os muçulmanos injustamente. Quando o xeque Ponda foi julgado por incitamento de tumultos na Tanzânia em outubro de 2012, por exemplo, as falhas na instrução do processo e na investigação levaram a que apenas tivesse sido condenado a uma sentença leve e a pena suspensa. Mais tarde, Ponda foi novamente acusado de incitar os muçulmanos de Zanzibar e Morogoro a fazerem greve e a provocar tumultos. Porém, ao fim de dois anos de litígio foi absolvido por falta de provas. Mesmo assim, os procuradores anunciaram a intenção de recorrer do processo perdido duas vezes, para os tribunais de instância superior da Tanzânia. No Quênia, o xeque Mohammed Dor foi acusado de incitação à violência sob suspeita da tentativa de financiar um grupo separatista na zona costeira. Os procuradores alteraram no entanto as acusações, o juiz adiou o julgamento e por fim o Estado arquivou o caso definitivamente.

Líderes muçulmanos proeminentes no Quênia e na Tanzânia também têm sido detidos sem culpa formada por agentes de segurança. Alguns foram assassinados misteriosamente. Há anos que circulam denúncias sobre esquadrões da morte patrocinados pela polícia, destinados a eliminar os líderes radicais muçulmanos. Um caso foi a morte de Abou Mohammed Rogo, abatido a tiros disparados de um veículo em movimento em Mombaça, em agosto de 2012. No carro em que seguia estavam também o seu pai e a sua filha, bem como a sua esposa que ficou ferida. Cerca de um ano depois, e a semanas do ataque ao centro comercial Westgate em Nairóbi, o sucessor de Rogo, xeque Ibrahim Ismail, e outros três indivíduos foram mortos da mesma forma, em outubro de 2013. O sucessor de Ismail, xeque Abubakar Shariff, conhecido como Makaburi, foi morto em abril de 2014, dois dias depois de a unidade de contraterrorismo da polícia estabelecer a sua ligação aos ataques do al Hijra em Mombaça no mês anterior.

Muçulmanos pelos Direitos Humanos, um grupo de apoio queniano, acusa a polícia e os procuradores de recorrerem a medidas extrajudiciais por incapacidade na condução de investigações e instrução adequada de

processos contra os islamistas suspeitos. Este discurso tem-se fortalecido com o tempo. O Observatório dos Direitos Humanos reportou que, de 2014 a 2016, as forças de segurança do Quênia fizeram “desaparecer pela força” pelo menos 34 pessoas durante operações antiterroristas em Nairóbi e no nordeste, e em oito casos pelo menos foram encontrados corpos de pessoas que tinham sido recentemente detidas pelas autoridades. Um destacado jornalista de investigação do Quênia afirmou que o número é mais elevado, dizendo que havia denunciado 1.500 mortes extrajudiciais de cidadãos pela polícia desde 2009.²⁶

Na Tanzânia foram feitas acusações idênticas. Em outubro de 2012, o xeque Farid Hadi Ahmed, líder do grupo islâmico Uamsho que defende um Zanzibar independente sob lei islâmica, desapareceu. Os líderes do Uamsho pediram que a polícia realizasse uma investigação. Os seus simpatizantes lançaram protestos, alguns mortíferos. Ahmed reapareceu 4 dias depois, dizendo ter sido sequestrado por agentes da polícia. Foi imediatamente detido e mantido em prisão preventiva sem direito a caução durante meses, em conformidade com a Lei de Segurança Nacional. Um juiz rejeitou várias acusações de âmbito distrital contra Ahmed, por falta de provas. No entanto, as acusações de incitamento à violência e envolvimento em conspiração no seu próprio sequestro foram mantidas. Os procuradores bloquearam assim a possibilidade de Ahmed pedir a determinação de caução, ou de apresentar um recurso. Após o seu caso transitar pelo Supremo Tribunal da Tanzânia, a caução foi fixada em 2014, ao fim de 17 meses de prisão. Seis meses depois foi detido novamente sob acusações de terrorismo.

Além das especificidades neste ou noutros casos, a falta de transparência e as múltiplas detenções arbitrárias, “políticas de fiança”, e acusações sem provas deixaram muitos muçulmanos desconfiados dos líderes políticos e instituições estatais. Considerando o sentimento de que têm sido marginalizados economicamente, cada vez menos estão dispostos a trabalhar com as estruturas oficiais existentes para endireitar o que encaram como errado. Deste modo, as narrativas extremistas e de exclusão social dos islamistas podem tornar-se mais atraentes.

REVERTER A PROPAGAÇÃO DO TERRORISMO

Esta resenha procurou mostrar que os impulsionadores do islamismo radical na África Oriental são externos e internos. Um quadro para travar esta ameaça requer deste modo uma série de medidas nos dois âmbitos.

Combater as influências externas e dar ênfase às tradições internas de tolerância. A narrativa islamista de exclusão social e de apelo à desobediência face às autoridades, uma importação relativamente recente, deu início à erosão de uma longa história de tolerância na África Oriental. Os governos e comunidades locais precisam de combater este discurso, aproveitando e reforçando a muito mais antiga tradição de diversidade e tolerância religiosa na região. Isso vai exigir um empenhamento genuíno e paciente dos líderes políticos assim como esforços indiretos para apoiar o diálogo entre as religiões que trazem vantagens concretas e benefícios tangíveis a todos os envolvidos.

“A situação exige a reconstrução e a cultura da resiliência da África Oriental perante o discurso extremista e o comportamento violento”

No âmbito do reforço da tradição original de tolerância, os governos devem abordar a questão do financiamento recebido das instituições estrangeiras islâmicas conservadoras. Isso passa pela adoção de meios transparentes e coerentes para regulamentar as fontes de financiamento, o discurso sectário e a defesa da violência por parte de grupos religiosos. Os grupos que promovem a violência e o confronto com as autoridades devem ser banidos e julgados. O financiamento de serviços sociais deve ser separado do proselitismo. No entanto deve evitar-se uma criminalização generalizada dos grupos islamistas, que poderia reforçar o apoio aos movimentos violentos. Uma política de tolerância acompanhada da proibição clara de incitamento à violência e exclusão é a solução que deve ser procurada.

Melhorar as políticas de inclusão das comunidades muçulmanas. Os líderes políticos deveriam reconhecer que os muçulmanos têm algumas queixas legítimas de marginalização, intencional ou resultante de negligência. Só por si isto enviaria uma mensagem poderosa aos cidadãos muçulmanos e contribuiria para criar confiança na colaboração e na reforma. Os dirigentes políticos devem também encorajar o envolvimento das comunidades muçulmanas e incluir aqueles que podem ter assumido uma certa radicalização mas que não defenderam a violência.

Quando a segurança melhorou no nordeste do Quênia, na segunda metade de 2015, isso foi atribuído à acção do coordenador regional Mohamud Ali Saleh, um ex-embaixador na Arábia Saudita, que foi nomeado para o cargo a seguir ao ataque contra a Universidade Garissa.

O decréscimo no terrorismo, registado na região, não ficou a dever-se a uma aplicação mais dura da lei, mas à habilidade de Saleh como interlocutor entre o governo e as comunidades locais, que resultou numa melhoria do policiamento e da recolha de informações no terreno.

Investimento económico e institucional nos cidadãos. As desigualdades socioeconómicas devem ser reconhecidas de forma transparente para poderem ser minimizadas como queixas legítimas. Os programas devem ser dirigidos para as desigualdades na educação, no rendimento e nas oportunidades, independentemente de a causa ser realmente a discriminação religiosa ou simplesmente um sintoma de um contexto regional, urbano, ou rural. Os programas devem destinar-se a melhorar os níveis de emprego nas áreas onde os muçulmanos são maioria.

O fortalecimento e o esclarecimento dos códigos de direito de propriedade e posse de terras também é importante. Os muçulmanos na área costeira da África Oriental, cujos direitos sobre as terras onde têm as suas casas e negócios são frágeis, temem a exploração e a expropriação por parte do governo ou de grandes empresas. O reforço dos direitos de propriedade pode diminuir as tensões religiosas e incentivar o crescimento e o envolvimento político da classe média muçulmana mais bem sucedida.

O ensino também é essencial. As regiões dominadas pelos muçulmanos da África Oriental estão atrasadas no número e na qualidade das escolas que possuem assim como no número de professores por alunos. Politicamente, mesmo pequenas e rápidas melhorias das instalações existentes nessas regiões pode criar boa vontade. A longo prazo, mais jovens muçulmanos devem receber bolsas de estudo oficiais para contrabalançar as influências ideológicas externas. Tais oportunidades de educação também irão permitir que eles venham a ocupar mais tarde cargos numa sociedade mais abrangente, facilitando uma maior integração.

Prática do processo justo. Os governos também precisam de reconhecer que os sentimentos do cidadão comum importam quando se trata de combater uma ideologia radical. Indivíduos que incitam outros à violência são com certeza uma ameaça à estabilidade. No entanto, se o público não acreditar que estão a ser cumpridos procedimentos justos, as ações da polícia podem acabar por reforçar ainda mais a adesão aos radicais e ao seu discurso. Aderir à lei reforça o próprio valor da mesma nas mentes (e ações) das comunidades marginalizadas, tanto como fonte de proteção como enquanto linha de demarcação da ilegalidade.

As autoridades devem portanto evitar grandes processos judiciais assentes em bases fracas e que correm o risco de falhar em tribunal. Devem antes concentrar-se em melhorar os processos de policiamento, a recolha de provas e desenvolver capacidades de instrução. Quando as autoridades não possuem bases suficientes para julgar e condenar líderes ou instituições incendiárias muçulmanas, as detenções apenas criam complexos de perseguição, e ao contrário do que pretende, alimentam os sentimentos de vitimização.

As medidas extrajudiciais da polícia devem cessar. O governo deve, pelo contrário, apoiar investigações transparentes e credíveis, realizadas por peritos independentes, para apurar queixas de que líderes islamistas foram mortos por pessoas ligadas ao estado ou à governação. A divulgação pública das conclusões de tais inquéritos pode restabelecer alguma confiança no governo.

Por fim, tais esforços não devem ser concentrados em indivíduos que podem aparecer e desaparecer independentemente do impacto das ideias que defendem, mas antes criminalizar a própria defesa da violência.

NOTAS

¹ “O Al-Shabab na Somália, embora tenha enfraquecido, ainda é uma ameaça à paz – ONU”, defenceWeb, 14 de agosto de 2012.

² “Uganda detém 19 suspeitos de envolvimento em plano de ataque terrorista”, CBC News, 14 de setembro de 2014.

³ “Relatório de situação: Vídeo mostra um possível novo afiliado do Estado Islâmico”, website Stratfor, 18 de maio de 2016.

⁴ Anneli Botha, “Radicalização no Quênia: Recrutamento para o Al-Shabab e o Conselho Republicano de Mombaça”, artigo ISS 265, setembro de 2014.

⁵ Terje Østebø, “Combate islâmico em África”, *Sumário de Segurança na África* No. 23 (Centro de Estudos Estratégicos Africanos, novembro de 2012), 4. Chanfi Ahmed, “Redes das ONGs islâmicas na África Subsaariana: Missão muçulmana Bilal, Agência Muçulmana Africana (Auxílio Direto), e *al-Haramayn*”, *Jornal de estudos da África Oriental* 3, no. 3 (novembro de 2009), 426-437. Ioannis Gatsiounis, “Depois Al-Shabab”, *Tendências actuais na ideologia islâmica* 14 (dezembro de 2012).

⁶ David Ochami, “Como o clérigo incendiário Rogo desenvolveu e propagou o extremismo”, *The Standard*, 2 de setembro de 2012.

⁷ Anne Robi, “Clérigos muçulmanos exigem uma nova equipa de recenseamento”, *Tanzânia Daily News*, 4 de junho de 2012.

⁸ Ahmed, 430-431. “Clérigos muçulmanos são advertidos sobre os sermões de ódio”, *The Citizen*, 7 de janeiro de 2013.

⁹ Andre LeSage, *A escalada da ameaça terrorista na Tanzânia: Combate islamista interno e ameaças regionais*, Fórum estratégico no. 288 (Washington, DC: Universidade de Defesa Nacional, setembro 2014).

¹⁰ “Entrevista: Vali Nasr”, PBS website “Linha de frente”, disponível no <<http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/saudi/interviews/nasr.html>>.

¹¹ Ben Hubbard, “Um impulsionador de princípios morais apela a um Islão mais liberal. E as ameaças de morte começam”, *The New York Times*, 10 de julho de 2016.

¹² Gatsiounis, 74.

¹³ Katrina Manson, “Extremismo cresce em Zanzibar”, *Financial Times*, 28 de dezembro de 2012.

¹⁴ Ahmed, 427.

¹⁵ “Agência muçulmana africana estabelece uma faculdade em Zanzibar”, Agência de Notícias Pan-africana, 26 de julho de 1998.

¹⁶ *Radicalização islâmica dos quenianos e somalis, sumário da África* No. 85 (Nairóbi/Bruxelas: Grupo de crise internacional, 2 de janeiro de 2012), 5, 11.

¹⁷ Ahmed, 434-435.

¹⁸ Patrick Mayoyo, “Muçulmanos rejeitam financiamento escolar dos EUA”, *The East African*, 23 de fevereiro de 2004. “O Tesouro anuncia ação conjunta com a Arábia Saudita contra quatro ramificações do Al-Haramain na luta contra o financiamento do terrorismo”, comunicado de imprensa do Departamento do Tesouro dos EUA, 22 de janeiro de 2004.

¹⁹ “Organização filantrópica kuaitiana apontada em financiamento da rede al-Qaeda”, comunicado de imprensa do Departamento do Tesouro dos EUA, 13 de junho de 2008.

²⁰ Joseph Krauss e Megan Lindow, “Universidades islâmicas espalham-se por África”, *Crônicas sobre ensino superior* 52, no. 44 (julho de 2007), 33-37.

²¹ *O desafio do emprego para jovens no Quênia*, trabalho de discussão do Programa de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (UNDP) (Nova Iorque: Programa de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, janeiro de 2013), 64.

²² Issa Yussuf, “Zanzibar impulsiona o combate ao desemprego”, *Tanzânia Daily News*, 24 de novembro de 2014.

²³ *Pesquisa de mão-de-obra integrada da Tanzânia continental de 2014: Relatório analítico*, Bureau Nacional de Estatística da Tanzânia (2015), 83.

²⁴ Consulte “*Economia: Condições económicas pessoais: Suas condições de vida vs. outros*”, sob *Afro barômetro* turno 5 (2010-2012): *Quênia e Afro barômetro* turno 4 (2008-2009): *Quênia*, afro barômetro: Análise online.

²⁵ Liat Shetret, Matthew Schwartz, e Danielle Cotter, *Mapeamento do extremismo violento: Estudo piloto das atitudes da comunidade no Quênia e Somália* (Nova Iorque: Centro de Cooperação Global de Combate ao terrorismo, 2013).

²⁶ Mohammed Ali e Seamus Mirodan, “Matando o Quênia: *People & Power* investiga alegações de que a polícia do Quênia está envolvida em execuções extrajudiciais” *Al Jazeera*, 23 de setembro de 2015.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Diretor:
Kate Almquist Knopf
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 20
Fort McNair
Washington, D.C. 20319-5066
Téléphone: + 1 202-685-7300
Website: www.africacenter.org

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Diretor de Pesquisa:
Joseph Siegle, Ph.D.
Téléphone: + 1 202 685-6808
Courriel: Sieglej@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

<http://www.africacenter.org>

ISSN 2164-4039